

2005

A Escola do Arco-Íris

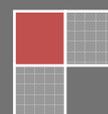
Conto infantil

Quem Conta um Conto Ajuda um Pouco, vol. 1, Ed. Médicos do Mundo, pp 26-35

Miguel Vale de Almeida

MIGUELVALEDEALMEIDA.NET

2007



A Escola do Arco-Íris.

Como é costume dizer-se, “era uma vez”... Era uma vez uma escola chamada Escola do Arco-Íris. A professora Ana gostava muito das crianças e estas davam-se muito bem entre si. Quer dizer, às vezes zangavam-se – ui, se se zangavam! - como todas as criaturas grandes e pequenas, mas no fim lá faziam as pazes e iam fazer coisas bem mais interessantes, como correr, saltar e pregar partidas.

As crianças também gostavam muito da professora e poucas vezes se portavam mal. Quer dizer: portavam-se mal às escondidas, que é uma coisa que as crianças sabem fazer muito bem... Mas a verdade é que não queriam perder pitada das histórias que ela contava. Sim, porque a professora Ana passava a vida a contar histórias: ensinava as contas de dividir com uma história sobre um grande bolo de aniversário e o número de crianças que o iam comer; ensinava a gramática com uma história sobre um menino que ninguém entendia até que lhe ensinaram a dizer as coisas como deve ser; até ensinava as ciências da natureza com uma história muito engraçada sobre uns pinguins que se tinham perdido no mar e tinham ido parar a um sítio muito quente que não era nada bom para eles e que ficavam muito contentes ao voltarem para a sua terra muito fria.

A vida na escola do Arco-Íris era muito divertida porque a professora Ana, além de contar histórias, também pedia às crianças para contarem as suas. Todas os dias cada uma das crianças tinha que trazer uma história preparada para contar. Às vezes as crianças traziam histórias sobre o que quisessem: sobre uma ida à praia, sobre uma visita ao jardim zoológico, sobre um sonho que tivessem tido... e às vezes até sobre algum pesadelo, que a melhor maneira de o esquecer era contá-lo para toda a gente se rir daquelas histórias de monstros e fantasmas.

Certo dia, a professora Ana disse: “Meninos, este fim de semana quero que escrevam uma história sobre as vossas famílias. Escrevam sobre o vosso pai e a vossa mãe. Assim quando chegar o Dia da Mãe e o Dia do Pai já têm uma história bonita para lhes dar de presente”. A criançada ficou toda satisfeita. Afinal, haverá coisa melhor do que escrever sobre as pessoas de quem mais se gosta? Claro que não – e ainda por cima era fácil! E não era preciso inventar nada!

Quando, na segunda-feira, as crianças voltaram à escola, traziam todas as suas histórias muito bem escritas. Quer dizer: escritas com uma letra ainda um bocadinho esquisita mas, que diabo!, ainda estavam a aprender. “Escreveram as histórias sobre o Pai e a Mãe?”, perguntou a professora Ana. As crianças gritaram entusiasmadas que sim e puseram o dedo lá bem no ar. A Sandra, que levantou o dedo e o braço e o corpo todo mais alto que os outros, levantou-se logo, pegou na folha de papel que trazia consigo e começou a ler em voz bem alta:

“O meu pai chama-se Rodrigo e a minha mãe chama-se Rita. O meu pai trabalha todo o dia no escritório e quando chega a casa eu já tomei banho e ele ajuda-me a pôr a mesa para o jantar. O meu pai é muito divertido e gosto muito de andar de bicicleta com ele. A minha mãe é muito, muito bonita. Gosto quando ela conta a história de como eu nasci da barriga dela depois de o meu pai ter lá posto uma semente. A minha mãe também trabalha num escritório e quando chega a casa dá-me banho e faz o jantar e à noite conta-me uma história”.

Depois foi a vez do Sérgio:

“A minha mãe é a Cristina. Eu gosto muito dela. A minha mãe trabalha muito. Ela trabalha num banco e vem sempre buscar-me à escola. No caminho para casa vamos ao café. Ela bebe uma bica e a mim compra-me um gelado. Ficamos a conversar sobre o que eu fiz na escola. Em casa fazemos o jantar e depois ela ajuda-me com os trabalhos de casa. Ela é muito bonita e muito simpática e eu gosto muito dela. Ela diz que eu não tenho pai porque quis ter um filho sozinho. O meu tio Jorge e o meu tio Alberto gostam muito de mim e é como se fossem os meus pais”.

Depois foi a vez da Sara:

“O meu pai chama-se Luís e eu chamo-lhe Pai. O meu outro pai chama-se Manuel e eu chamo-lhe Papá. O Pai e o Papá são muito simpáticos e eu gosto muito deles. Eu nasci em África e a minha mãe bio... ai!” – hesitou a Sara com aquela palavra complicada – “...biológica não podia ficar comigo. Os meus pais adoptaram-me para eu ter uma vida boa. Os meus pais são as pessoas mais queridas do mundo e aos fins-de-semana vamos a casa da avó Maria e lá estão as minhas tias e os meus primos e primas”.

E a seguir foi a Salomé:

“Eu não tenho pai e não tenho mãe. A minha avó Clotilde é que é o meu pai e a minha mãe. Ela é uma avó muito linda e é professora. Ela diz que o meu pai e a minha mãe morreram porque as pessoas não têm cuidado a guiar os carros e fazem coisas perigosas. A minha avó é a minha pessoa favorita neste mundo e foi ela que fez esta camisola que eu vesti hoje”.

Depois calhou a vez à Sílvia:

“A minha mãe é condutora de autocarros e às vezes deixa-me ir com ela. Eu gosto muito de vê-la com a sua farda porque fica ainda mais bonita. Aos fins-de-semana vou para casa do meu pai e dos meus irmãos. Os meus irmãos são filhos da mulher do meu pai, que é a Susana. Aos fins-de-semana divertimo-nos muito e depois volto para a minha mãe e fico também muito contente porque tenho um quarto só para mim.”

Por fim, foi o Sebastião a contar a sua história:

“A minha mãe é a Luísa e eu nasci da barriga dela. E tenho mais uma mãe que é a Manuela e não nasci da barriga dela. As minha mãe Luísa e a minha mãe Manuela têm uma loja de roupa para crianças. Elas são muito divertidas e gostam muito de me levar de férias para a praia. Acampamos numa tenda. Quando elas têm que ficar na loja até tarde eu vou para casa do tio Zé. O tio Zé é que me ajuda com os trabalhos de casa e gosto muito de jogar futebol com ele. As minhas mães dizem que vou ter um mano ou uma mana e que desta vez é a mãe Manuela que vai ter o bebé”.

Quando as crianças acabaram de contar as suas histórias, a professora Ana perguntou-lhes: “Já viram porque é que a escola se chama Arco-Íris? Porque temos todas famílias muito diferentes mas, afinal, muito iguais”. Ouviram-se muitos “vivas!” e a criançada saiu para o recreio. Quer dizer: desataram a correr, no meio duma grande algazarra, que

a escola do Arco-Íris é uma escola igual às outras e não se aguenta uma criança quieta por muito tempo. Nem com uma bela história.